



TRAGÉDIA

Corpo do caminhoneiro cujo veículo transportava 76 toneladas de ácido sulfúrico é retirado do fundo do Rio Tocantins. Autoridades ambientais, porém, afastam a hipótese de vazamento e contaminação

Marinha confirma 12ª morte na ponte

» VANÍLSON OLIVEIRA
» FABIO GRECCHI

A Marinha confirmou, ontem, a 12ª morte decorrente da queda da Ponte Juscelino Kubitschek, que liga Aguiarnópolis (TO) e Estreito (MA). Trata-se do caminhoneiro Beroaldo dos Santos, de 56 anos, cujo caminhão transportava uma carga de ácido sulfúrico e estava submerso no Rio Tocantins.

Dois vítimas localizadas na terça-feira — e cujos cadáveres foram resgatados — estavam dentro de um Voyage branco. São elas Cássia de Sousa Tavares, de 34 anos, e a filha Cecília Tavares Rodrigues, de 3. Elas viajavam com Jairo Silva Rodrigues, 36, que foi resgatado com vida.

Cinco pessoas, porém, estão desaparecidas: Alessandra do Socorro Ribeiro, de 50 anos; Salmon Alves Santos, 65; Felipe Giuvanuci Ribeiro, 10; Marçon Gley Ferreira, 42; e Gessimar Ferreira da Costa, 38. As buscas foram ampliadas para trechos mais distantes do leito do rio, devido ao aumento da correnteza.

O desabamento, ocorrido em 22 de dezembro, provocou a queda de 10 veículos no Rio Tocantins, incluindo dois caminhões que transportavam materiais tóxicos — o de Beroaldo levava 76 toneladas de ácido e outro, 25 mil litros de defensivo agrícola. Porém, os tanques estão intactos e o risco de vazamento e contaminação do meio ambiental é mínimo, segundo o supervisor de Emergência Ambiental da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema) do Tocantins, Caco Graça.

“O pior cenário seria se a carga tivesse sido expelida durante a queda. Isso não aconteceu. Os tanques estão intactos, a partir da visão do sonar da Marinha e, também, das equipes técnicas.

Se toda a carga que está ali tivesse vazado, ainda assim não daria prejuízo à vida humana em função da diluição. No perímetro teria uma contaminação e, por isso, nós recomendamos que as pessoas não se aproximem do local, mesmo com embarcações. Na retirada (dos caminhões) pode haver (vazamento)”, afirmou Graça.

A ponte, inaugurada em 1961, foi projetada para atender a um fluxo de veículos significativamente menor do que o registrado atualmente. O aumento no volume de tráfego e no peso das cargas transportadas ao longo das últimas décadas — associados à manutenção precária — pode ter contribuído para o colapso da estrutura. Investigadores da Polícia Federal (PF) e do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes apuram as responsabilidades pelo acidente, mas, a princípio, a principal suspeita é de que o vão central tenha cedido e se separado do restante da estrutura, que colapsou. O Dnit instaurou uma sindicância com prazo de 120 dias para apresentar os resultados.

Reconstrução

Em caráter emergencial, o Ministério dos Transportes contratou o consórcio Penedo-Neópolis — formado pelas empresas Construtora Gaspar S/A e Arteles Construções Ltda. — para reconstruir a ponte. O acerto financeiro, de R\$ 171,9 milhões, prevê a conclusão dos trabalhos até dezembro de 2025.

O consórcio iniciou a mobilização dos recursos necessários para o início da recuperação. A pasta destacou que a nova passagem será projetada para suportar o tráfego atual, oferecendo mais segurança e maior durabilidade.

Fotos: Luiz Henrique Machado/Governo de TO



Equipes de resgate procuram cinco pessoas que estavam em veículos que mergulharam no Rio Tocantins



Dnit trabalha com a suspeita de que o vão central da ponte se separou do restante da estrutura, que não suportou a falta de apoio e colapsou

1961

é o ano de inauguração da ponte Juscelino Kubitschek, que liga os municípios de Aguiarnópolis (TO) e Estreito (MA)

VIOLÊNCIA

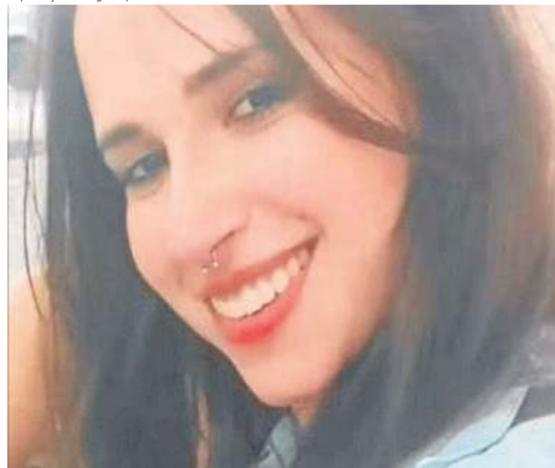
Jovem baleada por agentes da PRF desperta

Reprodução/Instagram pessoal

A jovem de 26 anos atingida na cabeça por um tiro disparado por agentes da Polícia Rodoviária Federal (PRF), em 24 de dezembro, começou a despertar e está respondendo a estímulos. A atualização do quadro de saúde de Juliana Leite Rangel consta no boletim médico informado, ontem, pela Prefeitura de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, por meio da Secretaria Municipal de Saúde da cidade e da direção do Hospital Municipalizado Adão Pereira Nunes.

Juliana permanece internada no CTI da unidade hospitalar. O estado de saúde segue dela segue grave, porém, a melhora clínica é considerada progressiva.

Conforme as informações, do ponto de vista neurológico, a jovem ainda está sem interação adequada, não sendo possível uma avaliação completa do nível de consciência e de possíveis sequelas permanentes. A direção do hospital informou, ainda, que Juliana segue em ventilação mecânica — uma traqueostomia foi realizada em 30 de dezembro. “Segue em protocolo de redução da sedoanalgesia e ventilação mecânica, apresentando



Juliana foi baleada quando ia para a ceia de Natal em Niterói

boa resposta a essa redução de suporte”, disse a nota.

O processo de retirada da sedação e da ventilação mecânica seguirá de acordo com a tolerância da paciente, de acordo com o boletim médico. “(Juliana) segue acompanhada pelo serviço de neurocirurgia e cirurgia torácica em conjunto com equipe

multidisciplinar”, acrescentou a secretária.

A jovem estava no carro com a família, a caminho de Niterói (RJ), para a ceia de Natal, quando foi atingida por disparos de agentes da PRF durante uma abordagem. Segundo o pai da jovem, mais de 30 tiros foram disparados. Alexandre Rangel, pai de Juliana, disse que os

Reprodução de vídeo



Segundo o pai da jovem, mais de 30 tiros foram disparados pelos agentes

policiais teriam alegado que abriram fogo porque o carro onde estava a jovem teria “atirado primeiro”.

Em 25 de dezembro, o Ministério Público Federal instaurou um procedimento investigatório criminal para apurar a conduta dos agentes da PRF. No procedimento, o MPF pede que as viaturas que estavam na abordagem sejam

recolhidas, assim como as armas dos policiais, e que a Polícia Federal (PF), que também abriu uma investigação, informe o que já foi apurado sobre o caso.

Em nota, a PRF informou que os agentes — dois homens e uma mulher — envolvidos no caso foram afastados preventivamente das atividades operacionais.

PRECONCEITO

Menina de 11 anos ataca outra de 12 em vídeo racista

Os pais de uma menina negra de 12 anos de idade denunciaram à Polícia Civil ofensas racistas proferidas por uma criança de 11 anos, filha do síndico do condomínio onde moram, na Vila Maria, Zona Norte de São Paulo. As ofensas estão registradas em um vídeo, com cerca de 14 minutos de duração, no qual a menina fala para a câmera, conversando com uma outra criança que não aparece nas imagens: “Pretos são burros”, “preto é feio, parece um macaco”, “ser racista é bom”.

As falas racistas, xenofóbicas e gordofóbicas, que seriam direcionadas à vizinha de 12 anos e a outras crianças do condomínio, continuam: “Acho que eles deviam esfolar a pele deles até eles ficarem mais branquinhos, mais bonitos”. “Pretos deviam todos morrer, o sangue deles deve ser mais escuro que o nosso”. “Tenho nojo de gente escura”. “Bolívia fede”, diz a garota, entre outras ofensas.

Segundo o boletim de ocorrência registrado em 19 de dezembro, na Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi), a vítima relatou à mãe sobre os vídeos que circulavam em um grupo de WhatsApp. A mulher então procurou o síndico, pai da menina nas imagens. De acordo com o documento, o homem primeiro se exaltou, dizendo estar ocupado e com problemas, e posteriormente enviou um áudio pedindo desculpas.

Em nota, a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP) informou que o caso é investigado pelo 19º Distrito Policial (Vila Maria), responsável pela área dos fatos, como injúria racial. “Já comunicamos ao Conselho Tutelar, que poderá avaliar a situação e aplicar medidas protetivas, como orientação psicológica, encaminhamento a programas de conscientização ou outras ações educativas e medidas que julgar necessárias”, diz o advogado da família, Diego Moreira, sobre a menina dos vídeos.

Retratção

Os pais da autora das imagens não foram localizados e não teriam constituído advogado. Em mensagem divulgada no grupo do condomínio, o pai da pré-adolescente pede desculpas e diz que sua família discorda do que foi dito pela filha.

“Venho a público me retratar por um ato praticado por minha filha através de um vídeo em que ela disse coisas ofensivas e preconceituosas. Já tivemos duas conversas em particular onde afirmei e reafirmei aqui: ‘Nós não concordamos com o que foi dito por nossa filha. Nós não demos esse tipo de educação para a nossa filha. Nós estamos arrasados como pais e acho que falhamos em algum momento’”, observa o homem. Ele continua afirmando ser neto de afrodescendentes, diz que todos foram criados à imagem e semelhança de Deus e, por fim, pede perdão à família da menina ofendida.

Moreira afirma que os pais podem ser responsabilizados civilmente pelos atos da pré-adolescente, com base no artigo 932 do Código Civil, que estabelece a responsabilidade por danos causados por filhos menores de idade. O advogado considera, ainda, que é preciso verificar se há evidências de que os pais incentivaram ou foram negligentes em relação ao comportamento racista da menina. A autora dos vídeos não pode ser denunciada criminalmente por não ter capacidade penal — o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estipula a idade mínima de 12 anos para a penalização por atos infracionais.